

A FINALIDADE DA INTRODUÇÃO DAS MÁQUINAS NO TRABALHO E NA VIDA DOS OPERÁRIOS FABRIS DA INGLATERRA A PARTIR DO FINAL DO SÉCULO XVIII

Eixo: Movimento operário e organização de classe: lições da história e perspectivas de emancipação

Renê Ivo da Silva Lima¹

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é abordar a concepção de Engels sobre as condições de trabalho na qual está sujeita a classe trabalhadora na Inglaterra, devido à introdução de novas máquinas e o seu contínuo aperfeiçoamento a partir do final do século XVIII. Tendo como objeto de estudo a finalidade da introdução das máquinas no trabalho e na vida dos operários fabris da Inglaterra a partir do final do século XVIII é possível esclarecer a relação entre esses trabalhadores, as máquinas e a atividade que eles exercem. Assim, como referência se toma a obra *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra (1845)* e se faz a seguinte indagação: Qual é a finalidade da introdução e do aperfeiçoamento das máquinas na vida e no trabalho exercido pelo operário fabril? No intuito de resolver essa questão, se obtém o seguinte resultado para esta pesquisa: a finalidade da introdução de novas máquinas e seu aperfeiçoamento contínuo se deu pela necessidade de diminuir os custos de produção, aumentar a produção, baixar o nível do salário do trabalhador e elevar o lucro do capitalista. Portanto, o emprego de um novo maquinário tem como função dispensar cada vez mais mão de obra assalariada.

Palavras-chave: Trabalho, Proletariado, Máquinas.

RESUMÉN

El objetivo de esta investigación es abordar la concepción de Engels sobre las condiciones de trabajo en la cual la clase trabajadora está sujeta en Inglaterra debido a la introducción de nuevas máquinas y el su continuo mejora a partir de finales del siglo XVIII. Si tiene como objeto de estudio la finalidad de la introducción de las maquinas en el trabajo y en la vida de los operarios fabril del Inglaterra a partir del finales del siglo XVIII es posible aclarar la relación entre estos trabajadores, las máquinas y la actividad que desarrollan. Así, se toma como referencia la obra *La Situación de la clase Trabajadora en Inglaterra (1845)* y se hace la siguiente pregunta: ¿Cuál es la finalidad de la introducción y de la mejora de las máquinas en la vida y en el trabajo realizado por el operario fabril? A fin de resolver esa cuestión se obtén el siguiente resultado para esta investigación: la finalidad de la introducción de nuevas máquinas y su mejora continua se debió a la necesidad de reducir los costos de producción, aumentar la producción, bajar el nivel del salario del trabajador y elevar el lucro del capitalista. Por lo tanto, el empleo de una nueva maquinaria tiene como función dispensar cada vez más mano de obra asalariada.

Palabras-clave: Trabajo, Proletariado, Maquinas.

¹ Curso de Filosofia. Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Introdução

O trabalho aqui exposto tem como objeto de estudo a finalidade da introdução das máquinas no trabalho e na vida dos operários fabris da Inglaterra a partir do final do século XVIII cuja atividade que exercem se veem modificadas pelo emprego de novas máquinas. Nesse período é possível observar o surgimento de uma nova sociedade – a sociedade burguesa moderna. Com esta sociedade surge um novo modo de produção que acaba dando origem a novas relações sociais. Compreender o processo de desenvolvimento dessas novas formas de relações sociais é o que se pretende expor nessa pesquisa.

Essa pesquisa visa esclarecer com base na obra *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra (1845)*, de Friedrich Engels as relações sociais que se desenvolveram nesse país no período em questão entre a classe trabalhadora, pois os operários fabris ingleses vão sendo constantemente substituídos por máquinas, mulheres e crianças. Assim, é possível constatar nessa pesquisa uma exposição e compreensão do pensamento de Engels sobre a finalidade da introdução dessas máquinas e as transformações que elas realizaram na vida e no trabalho do proletariado desse país. Portanto, é com o intuito de expor a concepção de Engels sobre a situação do proletariado inglês que se torna possível compreender o problema aqui exposto.

Friedrich Engels nasceu em 28 de novembro de 1820 na cidade de Wuppertal na Alemanha primeiro de oito filhos cresce no seio de uma família de industriais e conservadora, em fevereiro de 1844 publica *Esboço para uma crítica da economia política (1844)* obra que influenciou profundamente Marx. Escreveu várias obras em conjunto com Karl Marx seu parceiro e amigo, por exemplo, *A Sagrada Família (1844)*, *Ideologia Alemã (1845) – (1846)*. Engels morreu em 5 de agosto em Londres, Reino Unido no ano de 1895.

Assim, para resolver a questão aqui levantada se propõem responder a seguinte indagação: Qual é a finalidade da introdução e do aperfeiçoamento das máquinas na vida e no trabalho exercido pelo operário fabril? Portanto, é somente fazendo uma investigação e compreensão dialética do assunto que desrespeita as relações do proletariado industrial com o trabalho que exercem que se torna possível resolver o problema proposto.

A primeira parte apresenta de modo geral como num país típico do desenvolvimento econômico da burguesia – no caso a Inglaterra - ocorreu o processo que deu origem ao surgimento da grande indústria moderna e juntamente com ela a sociedade burguesa, a classe dos capitalistas e o proletariado. Este como se sabe é produto da grande indústria moderna, das fábricas que por sua vez é o resultado da revolução burguesa, ou seja, da sociedade capitalista.

A segunda parte dessa pesquisa trata de esclarecer a maneira de como as famílias e trabalhadores ingleses viviam, o que faziam, quais eram suas relações com as outras classes dessa época, o que pensavam da sociedade em que viviam, quais eram os seus costumes antes da introdução das primeiras máquinas. Essas famílias e trabalhadores – como se verificará mais adiante – como a maioria dos camponeses vivem afastados da cidade de modo tranquilo e relaxados com o ar puro e o verde das árvores do campo.

O terceiro capítulo visa tratar das primeiras máquinas que foram inventadas na Inglaterra a partir do final do século XVIII visando compreender qual foi a finalidade de sua invenção, o que elas faziam e se foram boas ou ruins para ambas as classes dessa sociedade – burgueses e proletários. Por fim, o último capítulo dessa pesquisa se propõe esclarecer as relações sociais entre as máquinas, o trabalho e o proletariado, qual foi a finalidade da introdução de novas máquinas e o seu contínuo aperfeiçoamento na vida e no trabalho dos operários fabris da Inglaterra a partir do final do século XVIII.

O surgimento da grande indústria moderna

A história de todas as sociedades civilizadas - desde a Roma Antiga até a contemporaneidade - é a história da luta de classes em que homens pertencentes a diferentes e determinadas posições sociais se enfrentam dispostos a conservar seus interesses e os de sua classe. Desde antiguidade essa luta vem se desenvolvendo e se tornando cada vez mais intensa e em todas as épocas que se verificou esse confronto se pôde observar que: ou as classes em confronto destroem-se (Roma Antiga) ou uma sai vitoriosa destruindo a sua rival (Idade Média) realizando dessa maneira uma transformação revolucionária de toda a sociedade.

O que se pode verificar de comum nessa história das sociedades - que nada mais é do que o confronto entre classes que tem interesses antagônicos - é exatamente a relação existente entre opressor e oprimido, explorador e explorado que sempre fora a causa dessa luta constante².

É com essa concepção da luta entre as classes que se devem compreender todas as sociedades que se organizaram e se estruturaram em várias classes distintas, pois cada uma delas ocupa uma determinada posição e exerce uma diferente função na organização social em que estão inseridas contribuindo, dessa forma, para o funcionamento das relações sociais e do

2 É assim que “homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta.” (MARX; ENGELS, 2010, p. 40).

modo de produção vigente. Dessa maneira, é possível observar que tanto na Roma Antiga quanto na Idade Média existiram as classes e a luta entre elas³.

Foi no período medieval que se verificou a primeira grande transformação revolucionária de toda a sociedade até então existente, pois a organização feudal da manufatura e da agricultura não sanava mais as necessidades das forças produtivas. Essa foi uma das causas que fez com que a pequena burguesia empunhasse suas armas com o objetivo de derrubar e tirar do poder os senhores feudais acabando por despedaçar o modo de produção vigente. Este em vez de impulsionar a produção a tolhia e foi por meio de uma revolução violenta que a luta de classes chega ao seu ápice, que a pequena burguesia impôs os seus interesses de classe e acabou por desenvolver seu próprio modo de produção.

Na Idade Média a pequena burguesia - produto da classe dos servos do período medieval - lutando incessantemente para destruir de uma vez por todas os últimos resquícios do feudalismo e dessa maneira se constituir como classe soberana, assistiu a descoberta de novas terras até então inexploradas, a ampliação do mercado e o crescente aumento dos meios de troca que termina dando origem a indústria manufatureira⁴.

Com o surgimento da manufatura a pequena burguesia industrial dá mais um passo significativo no seu processo de desenvolvimento para se constituir como classe detentora do poder político e econômico. O modelo de divisão do trabalho em que estava inserida a oficina faz desaparecer e suplanta a classe dos mestres das corporações, pois a manufatura estava constituída sob o sistema da divisão do trabalho entre as diferentes corporações. Mas, com a ampliação cada vez maior dos mercados, o aumento incessante da produção de mercadorias e a sua procura contínua a manufatura acabou sucumbindo e desaparecendo.

Com o surgimento da grande indústria criou-se o mercado mundial acelerando o alargamento do comércio, a navegação e os meios de comunicação que foram decisivos para a expansão de grandes indústrias no mundo todo⁵. Esse foi o processo de desenvolvimento da

3 “Nas mais remotas épocas da história, verificamos, quase por toda parte, uma completa estruturação da sociedade em classes distintas, uma múltipla gradação das posições sociais. Na Roma antiga encontramos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média, senhores, vassalos, mestres das corporações, aprendizes, companheiros, servos; e, em cada uma destas classes, outras gradações particulares.” (MARX E ENGELS, 2010, p.40).

4 “A descoberta da América, a circum-navegação da África abriram um novo campo de ação à burguesia emergente. Os mercados das Índias Orientais e da China, a colonização da América, o comércio colonial, o incremento dos meios de troca e das mercadorias em geral imprimiram ao comércio, à indústria e à navegação um impulso desconhecido até então; e, por conseguinte, desenvolveram rapidamente o elemento revolucionário da sociedade feudal em decomposição.” (MARX; ENGELS, 2010, p.41).

5 “A grande indústria moderna suplantou a manufatura; a média burguesia manufatureira cedeu lugar aos milionários da indústria, aos chefes de verdadeiros exércitos industriais, aos burgueses modernos.” (MARX; ENGELS, 2010, p. 41).

classe dos capitalistas modernos que depois de ter completado as etapas de seu desenvolvimento destruiu as últimas ruínas da Idade Média.

O desenvolvimento industrial foi um dos fatores determinantes para a constituição da burguesia em classe detentora do poder político no Estado representativo do período moderno. Entretanto, os grandes capitalistas veem surgir uma nova classe cuja origem está diretamente relacionada com o processo de desenvolvimento da grande indústria, pois ela é seu produto mais autêntico. O proletariado composto por homens, mulheres, crianças e toda a gente que não possui meios de produção sendo obrigados a vender sua força de trabalho para garantir a sua subsistência e sobreviver é o principal resultado da indústria moderna⁶.

A vida dos trabalhadores ingleses antes da introdução das máquinas

Agora que já se compreendeu e se investigou de modo conciso a origem do proletariado em todos os países onde a grande indústria moderna se desenvolveu plenamente como é o caso da Inglaterra se propõe a partir de agora fazer uma exposição de como viviam as famílias inglesas antes da introdução das máquinas. Os trabalhadores viviam quase que exclusivamente da fição e da tecelagem das matérias-primas e todos os membros da família exerciam uma determinada atividade produtiva, a mãe juntamente com seus filhos fiava o fio e o homem da casa – o pai – o tecia ou o vendiam nas cidades.

Essas famílias viviam na maioria das vezes nos campos que se localizavam próximos das cidades e o que ganhavam com o seu trabalho, ou seja, sua renda, o dinheiro que consigam ganhar com a atividade que exerciam era o suficiente para suprir as suas necessidades. “O mercado interno – quase o único mercado – era ainda decisivo para a demanda de tecidos e [...] o poder esmagador da concorrência, que se desenvolveu mais tarde [...] não insidia sensivelmente sobre o salário.” (ENGELS, 2010, p. 45 – 46). Ademais havia um aumento constante da demanda por tecidos do mercado interno.

Não raras vezes um trabalhador, quer dizer, um tecelão conseguia economizar dinheiro o bastante para arrendar um pequeno pedaço de terra e a cultivava na maioria das vezes em seu tempo livre sem preocupar-se com nada e determinando o seu próprio tempo de trabalho. Era um singelo camponês que tinha sua própria habitação e que lavrava sua terra a

⁶ “Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, os quais só vivem enquanto têm trabalho e só têm trabalho enquanto seu trabalho aumenta o capital. Esses operários, constrangidos a vender-se a retalho, são mercadoria, artigo de comércio como qualquer outro; em consequência, estão sujeitos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado.” (MARX; ENGELS, 2010, p. 46).

seu bel prazer, sem nenhum cuidado ou conhecimento específico vinculado à agricultura tomando esta atividade mais como diversão do que como necessidade de subsistência.

Assim, esses trabalhadores ingleses viviam nessa existência pacífica e pacata, tranquilos, sem ambições, sem necessidades exageradas, no silêncio entediante de seus campos quase se confundindo com as árvores: surdos, cegos e mudos escondidos de todos os demais cidadãos da cidade. Esses trabalhadores “não precisavam matar-se de trabalhar, não faziam mais do que desejavam e, no entanto, ganhavam para cobrir as suas necessidades e dispunham de tempo para um trabalho sadio.” (ENGELS, 2010, p. 46).

Esses habitantes do campo – nessa vida apaziguada – ainda dispunham de tempo para participar dos mais variados tipos de jogos e passatempos que além de servirem para distrair e divertir toda aquela população servia também para mantê-los com boa saúde e para o fortalecimento de seus corpos. Esses homens quase em nada se diferenciavam de seus outros vizinhos camponeses seus filhos os ajudavam no trabalho com a terra, mas não como uma obrigação e sim como um divertimento; a maior parte dessa gente tinha um corpo robusto e esbelto por conta da vida saudável que levavam no campo respirando o ar puro das florestas.

Dessa maneira não se torna difícil saber qual era o comportamento desses homens do campo, o seu caráter, a sua moral, o seu modo de agir e a maneira como pensavam sobre a vida e a sociedade em que estavam inseridos, pois isolados na pacificidade e tranquilidade do campo não tinham nenhum contato com o modo de viver “profano” das pessoas da cidade. “Velhos moradores das proximidades das cidades, nunca haviam ido a elas, até o momento em que as máquinas os despojaram de seu ganha-pão, obrigando-os a procurar trabalho na cidade.” (ENGELS, 2010, p. 46).

Dessa forma o nível intelectual das famílias tecelãs era parecido ou até mesmo igual o da gente do campo porque aqueles trabalhadores que fiavam e teciam o fio – por conta dos pequenos pedaços de terra que arrendavam – estavam diretamente ligados aos costumes e aos seus vizinhos campônios. Também respeitavam de modo honroso e exacerbado o *esquire* que geralmente um era homem rico, um grande proprietário de terras da região e tinham para com ele uma relação boa e amigável, pois para a maioria desses inocentes habitantes do campo aquele importante dono de terras era como um Deus.

“Eram gente “respeitável” e bons pais de família, viviam segundo a moral porque não tinham ocasião de ser imorais, já que nas mediações não havia bordéis e o dono da taberna [...] era também um homem respeitável.” (ENGELS, 2010, p. 47). Assim, os trabalhadores ingleses dessa época viviam essa vida quase que vegetativa: iam à igreja com frequência, temiam a Deus, raramente sabiam ler e escrever, não faziam política, não

conspiravam, não criticavam, obedeciam as escrituras sagradas, enfim, estavam intelectualmente atrasados, quer dizer, mortos.

Assim, portanto, era como viviam os trabalhadores da Inglaterra antes da revolução industrial que teve por consequência a introdução das máquinas a partir do final do século XVIII que transformaria significativamente a vida não somente dessas famílias tecelãs, mas de toda a sociedade inglesa. Esse é o próximo ponto que se investiga a partir de agora.

Introdução das primeiras máquinas na Inglaterra

A primeira máquina que modificou profundamente a vida dos trabalhadores ingleses foi a *jenny* inventada na segunda metade do século XVIII mais precisamente em 1764: “funcionava manualmente, mas, ao invés de um só fuso, como na roda comum de fiar a mão, tinha dezesseis ou dezoito, acionados por um só operário.” (ENGELS, 2010, p. 48). Construída com o objetivo de produzir uma maior quantidade de fio essa nova invenção fez com que a demanda por tecidos aumentassem devido à redução dos seus preços, pois agora os custos de produção diminuíram por conta da nova máquina.

Com o constante crescimento da demanda por tecidos aumentou também a procura por mais tecelões e seus salários acabaram aumentando e foi dessa maneira que surgiu a oportunidade para esses trabalhadores de poderem trabalhar em seu próprio tear – aparelho mecânico empregado na tecelagem – fazendo com que fossem abandonando gradativamente suas atividades agrícolas. Foi assim que a classe dos homens que se ocupavam da tecelagem e da agricultura foi aos poucos se extinguindo. Segundo Engels:

Gradativamente, a classe dos tecelões-agricultores foi desaparecendo, sendo de todo absorvida na classe emergente dos exclusivamente tecelões, que viviam apenas de seu salário e não possuíam propriedade, nem se quer a ilusão de propriedade que o trabalho agrícola confere – tornaram-se, pois, proletários. A isso se juntou a destruição da antiga relação entre fiandeiros e tecelões. Até então, na medida em que era possível, o fio era fiado e tecido sob o mesmo teto. (ENGELS, 2010, p. 48 - 49).

Ao mesmo tempo em que se desenvolvia o proletariado industrial formava-se também uma espécie de proletariado rural, ou seja, paralelo ao início do surgimento da grande indústria na Inglaterra ainda havia pequenos proprietários rurais que viviam da mesma maneira tranquila e pacífica dos seus amigos tecelões-agricultores. Aqueles pequenos proprietários lavravam e cuidavam de sua terra do mesmo modo descuidado e desprovido de qualquer conhecimento específico sobre a agricultura que seus antepassados de modo a ter aversão a qualquer tipo de inovação.

No momento em que surgiu a primeira máquina na sociedade inglesa gradativamente os trabalhadores deixaram seu pedaço de terra para se dedicar única e exclusivamente a tecelagem e vários terrenos ficaram abandonados, disponíveis para a classe dos grandes arrendatários que neles se instalaram. Assim, investindo maiores quantidades de capitais sobre a terra que se instalaram, aumentando significativamente a produtividade com melhores formas de cuidar da terra podiam vender seus produtos mais baratos do que os produtos dos pequenos proprietários porque estes não tinham capital suficiente para investir em suas terras.

Não tendo mais condições de vender seus produtos o pequeno proprietário - para não morrer de fome – se viu obrigado a vender sua terra para adquirir a nova máquina *jenny* ou um tear e assim conseguir emprego como proletário agrícola de um grande arrendatário de terras. Dessa maneira, o seu precário modo de cuidar e cultivar o seu pequeno pedaço de terra “não lhe deixaram outra escolha quando se viu obrigado a concorrer com pessoas que cultivavam o solo segundo princípios mais racionais e com todas as vantagens oferecidas pela grande lavoura e pelo o investimento de capitais.” (ENGELS, 2010, p. 49).

O avanço e o desenvolvimento da indústria permitiu aos capitalistas empregarem meios de produzir mais mercadorias com menores custos de produção os quais permitiram ao dono da fábrica dispensar grande quantidade de trabalhadores e venderem suas mercadorias a preços mais baixos. Um desses meios permitiu ao industrial empregar força hidráulica para movimentar suas máquinas o que conseqüentemente causou a dispensa de vários operários e o desaparecimento de muitos fiandeiros que movimentavam suas máquinas manualmente o que elevava os custos de produção de seus produtos tornando-se mais caros que os do capitalista.

Outras duas máquinas que foram inventadas nessa época e tiveram uma importância significativa para o início do surgimento do sistema industrial que começava a se desenvolver nessa sociedade inglesa foram às máquinas *throstle* e a *mule*. A primeira inventada 1767 “foi construída com base em princípios inteiramente novos e concebida para ser acionada por força motriz mecânica.” (ENGELS, 2010, p. 50). Já a segunda criada em 1785 além de possuir funções até então inovadoras reunia também as características da primeira máquina *jenny*, ademais, fora com ela que as atividades da indústria se tornaram mais intensas.

É, portanto, com o surgimento de cada nova máquina, com o aperfeiçoamento contínuo dos instrumentos e o desenvolvimento constante das ferramentas que o trabalho manual exercido pelo trabalhador vai sendo substituído progressivamente pelo trabalho mecânico realizado pelas máquinas. O resultado disso foi, por um lado, a produção de mais mercadorias, redução dos custos de produção, barateamento dos produtos fornecidos e o

florescimento e a expansão cada vez mais intensa da indústria; por outro lado, houve um aumento da classe proletária, diminuição dos salários e desemprego crescente.

Então, feito a exposição do surgimento das primeiras máquinas na sociedade inglesa se torna possível a partir de agora realizar uma investigação de maneira mais detalhada da finalidade das máquinas – com o desenvolvimento da grande indústria moderna – na vida e no trabalho dos operários fabris da Inglaterra.

A máquina, o trabalho e o proletariado

Quanto maior for o número de trabalhadores empregados numa determinada fábrica, quanto mais estiver organizada a divisão do trabalho entre esses operários, quanto mais máquinas forem introduzidas nessa indústria tanto mais diminuirão os custos de produção necessários para produzir uma mercadoria. Se os custos de produção diminuem, aumentam os lucros do capitalista, pois agora irá vender uma maior quantidade de mercadorias a preços mais baixos do que seus concorrentes nascendo assim entre todos eles – os capitalistas – uma competição para aumentar a introdução da maquinaria em sua fábrica.

Numa sociedade em que os meios de produção estão concentrados nas mãos de uma minoria, ou seja, da classe burguesa o contínuo progresso do maquinário não poderia significar outra coisa senão a miséria da classe proletária. “Qualquer aperfeiçoamento das máquinas põe alguns operários na rua e quanto mais importante é o progresso, maior é a parcela da classe jogada no desemprego.” (ENGELS, 2010, p. 174).

Em uma crise comercial milhares de trabalhadores perdem seus empregos e acabam caindo na miséria por conta de que as mercadorias produzidas nas indústrias não encontrando compradores no mercado interno nem muito menos no mercado externo permanecem aos milhões nos estoques das fábricas. Os trabalhadores permanecem naquele estado até que o movimento do comércio e da indústria volte a fluir normalmente, ou seja, que a procura por aquelas mercadorias – tanto no mercado interno quanto no mercado externo – volte a ocorrer de modo intenso causando assim a venda daqueles produtos até então estocados nas fábricas.

O aperfeiçoamento mecânico tem o mesmo efeito de uma crise comercial, mas com uma diferença: os operários substituídos pelas novas máquinas permanecem para sempre na miséria, pois a maneira como se organiza a grande indústria moderna não permite ao proletário que foi substituído pela máquina ter o seu emprego de volta. Com o avanço cada vez mais intenso da indústria mais máquinas vão surgindo, são inventadas e aperfeiçoadas de modo constante e dessa maneira o capitalista pode aumentar o seu lucro porque a máquina

além de ter o custo de produção menor produz numa menor quantidade de tempo mais produtos que o operário. Segundo Engels:

Já a primeira invenção, a *jenny*, acionada por um só operário, fornecia seis vezes mais produto que uma roda de fiar trabalhando em tempo igual – cada nova *jenny* punha cinco operários no desemprego. A *throstle* que era bem mais produtiva que a *jenny* e, como ela, também exigia um só operário, fez muito mais desempregados. (ENGELS, 2010, p. 174).

“A *mule*, que, por sua vez, exigia um número menor ainda de operários em relação ao produto, ocasionou o mesmo efeito; e todo aperfeiçoamento da *mule*, isto é, cada aumento do número de fusos, diminuiu o número de operários.” (ENGELS, 2010, p. 174). Essa – como já se verificou nos parágrafos anteriores – foi a terceira invenção que transformou totalmente a vida dos trabalhadores ingleses pelo fato de ser uma máquina nova, era menos dispendiosa produzindo assim mais produtos e exigindo menos trabalhadores para opera-las sendo mais aperfeiçoada e contendo até mesmo a função daqueles primeiros instrumentos.

Com o desenvolvimento da grande indústria moderna na Inglaterra “aperfeiçoamentos também foram introduzidos nas máquinas de cardar, e eles desempregaram a metade dos operários do ramo; numa fábrica, máquinas mais avançadas foram instaladas, quatro dos oito operários foram despedidos.” (ENGELS, 2010, p. 175). Quase todos os ramos industriais aderiram e receberam de braços abertos o contínuo progresso do maquinário que ia surgindo e em todos esses ramos era possível perceber operários com salários baixíssimos, mais máquinas, menos trabalhadores e não raras vezes um homem operando duas máquinas.

No ramo da tecelagem as máquinas também imperaram deixando como resultado os mesmos efeitos que se verificou mais acima só que nesse caso com mais amplitude e de modo mais devastador, pois agiu tal como um exército em uma guerra que derrotando o seu inimigo avança adquirindo parte de seu território até o momento em que o toma completamente. O tear mecânico conquistou de um por um os setores da tecelagem manual de modo que um trabalhador operava dois teares verificando-se aqui também uma grande quantidade de mulheres e crianças no lugar de homens adultos.

Dessa maneira é que milhares de trabalhadores perderam seus empregos e acabaram na miséria, morrendo de fome, ou no melhor dos casos, tiveram seus salários drasticamente reduzidos mal dando para sanar as suas necessidades imediatas e quando isso não ocorreu foram substituídos por mulheres e crianças o que é ainda pior. Estes recebem um salário muito abaixo do nível do salário do operário especializado que perdeu toda a sua especificidade de

trabalhador manual, pois o trabalho mecânico não exige nenhum esforço intelectual criativo por parte do operário⁷.

O tempo em que o salário do operário dava para sustentar sua família – sua esposa e seus três filhos – acabou, pois o surgimento contínuo de novas máquinas e o seu constante aperfeiçoamento criou a simplificação do trabalho permitindo que o trabalho dos homens fosse substituído pelo trabalho de mulheres e crianças⁸. A invenção de novo maquinário e o seu aperfeiçoamento permitiu ao burguês proprietário da fábrica explorar a mulher e as crianças, fazendo-os trabalhar a mesma quantidade de horas que trabalha um homem adulto, mas pagando-lhes como salário um valor mais baixo em comparação ao que pagava ao operário para efetuar o seu trabalho mecânico⁹.

A contratação de crianças ágeis, rápidas, espertas e de olhar vivo para executar o trabalho que antes era feito pelo artífice, pelo trabalhador ou pelo operário que tinha alguma especialidade demonstra apenas o caráter simplista que adquiriu a atividade de exercer o trabalho. A introdução de novos instrumentos de produção conseguiu criar condições para a extinção do trabalho manual transformando-o em simples trabalho mecânico a ponto de permitir que até mesmo crianças com capacidade de abstração e nível intelectual baixo estivessem capacitadas para executá-lo.

Além de todas essas consequências funestas e degradantes que tiveram a introdução de novas máquinas e o seu aperfeiçoamento para o trabalho e a vida do operário elas também criaram para o trabalhador a extrema simplificação da atividade de trabalhar tornando aquele trabalho fácil de aprender e fazer. A tarefa que o operário agora é obrigado a realizar não passa do simples ato de vigiar a máquina o que torna sua atividade monótona e enfadonha repetindo por todo o tempo em que trabalha movimentos mecânicos que não exige desse homem força física e nem muito menos um nível intelectual elevado.

O trabalho organizado dessa maneira perde totalmente seu caráter imediato entre homem e natureza, com a sua extinção o trabalhador não só deixa de aperfeiçoar e melhorar suas faculdades intelectuais e físicas como também a chance de se vê realizado em toda a sua

7 “A maquinaria, [...] ao impor a substituição de operários especializados por operários não especializados, de homens por mulheres, de adultos por crianças, pois a maquinaria, onde é introduzida pela primeira vez, lança os operários manuais em massa na rua; e onde é desenvolvida, aperfeiçoada, substituída por máquinas de maior rendimento, despede operários em grupos menores.” (MARX, 2010, p. 63).

8 “Agora são consumidas quatro vezes mais vidas operárias do que anteriormente para ganhar o sustento de uma única família operária.” (MARX, 2010, p. 65).

9 “O objetivo constante e a tendência de qualquer aperfeiçoamento do mecanismo é, com efeito, dispensar inteiramente o trabalho do homem e diminuir o seu preço, substituindo pela atividade das mulheres e das crianças a do operário adulto.” (MARX, 2001, p. 126).

plenitude. Mas, o operário vê o trabalho como algo ruim que lhe é estranho e que lhe mata aos poucos todas às vezes que entra pela porta da fábrica.

O resultado da introdução e do aperfeiçoamento das novas máquinas na grande indústria moderna foi a demissão de dezenas de trabalhadores, a simplificação da tarefa a ser exercida e o consequente idiotismo e a bestialidade da profissão tornando o trabalho cada vez mais enfadonho¹⁰.

Assim, a finalidade de qualquer nova invenção nada mais é do que criar condições para que o capitalista dependa cada vez menos do trabalhador dispensando – com a nova máquina – uma grande quantidade de operários, reduzindo seus salários e tornando seu trabalho enfadonho, monótono e entediante.

Ademais dessas consequências funestas que exercem as máquinas sobre a vida e a atividade do trabalhador assalariado na indústria moderna os novos instrumentos de produção também contribuem para o aumento da quantidade de trabalho. Pois a carga horária da atividade do operário se prolonga, o trabalho exigido num determinado tempo cresce, aumenta a aceleração do movimento das máquinas. Toda essa degradação da atividade do operário tem origem com o surgimento da maquinaria que transforma a tarefa do trabalhador num simples ato de vigilância monótona, tornando sua vida degradante.

O que se torna possível afirmar a partir dessa compreensão da concepção de Engels sobre a história da indústria moderna é que “nas condições sociais vigentes, as consequências de todos os aperfeiçoamentos mecânicos são desfavoráveis aos operários, e o são em alto grau: qualquer máquina nova provoca desemprego, miséria e infortúnio.” (ENGELS, 2010, p. 178). Essa é a principal finalidade que tem as máquinas na vida e no trabalho dos operários os fazendo passar as maiores necessidades – privações, fome e miséria – não tendo condições de adquirir meios de subsistência para continuar sobrevivendo.

Enfim, a grande indústria da época moderna ampliou e criou novos mercados para o consumo de seus produtos que por conta da demanda cada vez maior sentiu a necessidade de recorrer a instrumentos de produção menos dispendiosos. Esses instrumentos deveriam ter um custo de produção menor, produzir uma maior quantidade de mercadorias e, por conseguinte, serem mais lucrativos aos capitalistas. Essa é a principal finalidade da introdução e do aperfeiçoamento de novas máquinas na indústria que em nada melhorou a vida do operário, pelo contrário, a tornou ainda mais miserável.

10 Dessa maneira, “o operário torna-se um simples apêndice da máquina e dele só se requer o manejo mais simples, mais monótono, mais fácil de aprender” (MARX; ENGELS, 2010, p. 46) porque as máquinas quanto mais aperfeiçoadas forem mais dispensam qualquer tipo de especialidade por parte do operário.

Conclusão

Portanto, a partir do que já foi exposto nessa pesquisa é possível concluir que a introdução de novas máquinas e o seu contínuo aperfeiçoamento tem como finalidade diminuir os custos de produção, aumentar a produção, baixar o nível do salário do trabalhador e elevar o lucro do capitalista. A consequência da introdução do maquinário consiste na ganancia do capitalista em aumentar exorbitantemente seus lucros já que os custos de produção desse novo maquinário são menores, permitindo-o dispensar mão de obra assalariada e produzir uma maior quantidade de mercadorias em um tempo menor. Com efeito, surge uma classe de homens sem propriedade alguma tendo apenas a sua força de trabalho, única mercadoria que possui e que o capitalista necessita comprar pelo menor preço possível, também desenvolve-se a simplificação do trabalho exercido pelo operário limitando sua atividade a singelos e repetitivos movimentos mecânicos o tornando monótono, enfadonho, fácil e entediante capaz de ser realizado por mulheres e crianças que por ganharem um salário abaixo do nível do salário de um homem acabam por substituí-lo na fábrica do grande proprietário. Assim, o operário acaba na miséria perdendo seu emprego ou tendo seu salário reduzido, pois agora foi substituído pelas máquinas, por mulheres e crianças.

Referências

- ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 381.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Tradução de Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 271.
- MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e Capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 7 – 67.
- MARX, Karl. **Miséria da Filosofia: resposta à Filosofia da Miséria do senhor Proudhon**. Tradução de Paulo Ferreira Leite. São Paulo: Centauro, 2001, p. 196.